

O Karl Marx e a guerra da abolição americana

The Karl Marx and the American abolition war

<https://doi.org/10.26512/rhh.v10i20.52384>

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Guerra Civil dos Estados Unidos*. Tradução: Luis Felipe Osório, Murillo van der Laan, São Paulo: Boitempo, 2022. 392 p.

Alexandre Francisco Braga

Mestrando em Direito
Universidade Federal de Minas Gerais

<https://orcid.org/0000-0002-5483-9499>
bragafilosofia@yahoo.com.br

Como citar:

BRAGA, Alexandre Francisco. O Karl Marx e a guerra da abolição americana. *História, histórias*, Brasília, v. 10, n. 20. jul./dez. 2022.

A partir de uma série de 301 artigos jornalísticos publicados no jornal *New-York Daily Tribune (NYDT)*, Karl Marx apresenta, entre 1852-1870, um panorama tenso da Guerra da Secessão dos Estados Unidos com base em correspondências trocadas entre ele e membros dos Círculos Germanistas norte-americanos, entre os quais o Coronel Joseph Weydemeyer (1818-1866), que foi editor da *Nova Gazeta Renana* na época em que Marx também compunha sua equipe de redatores; Friedrich Adolph Sorge (1828-1906), que da mesma maneira tinha fugido para os Estados Unidos, e em 1857 fundou o “Clube dos Comunistas de Nova York”, tendo, inclusive, participado da campanha abolicionista; a jovem Florence Moltrop Kelley (1859-1932), nascida na Filadélfia, ela foi ativista pelos Direitos Civis dos Afro-Americanos e traduziu para a língua inglesa o livro *A Condição da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, (1887). E o próprio Friedrich Engels, cuja autoria se confunde com as publicações de Marx sobre essa guerra, haja vista que boa parte dos informes e análises foram feitos por Engels¹ e assinados por Marx, incluindo, as análises mais notáveis sobre as estratégias militares adotadas pelos combatentes, entre federados defensores da abolição e confederados, que declararam a guerra pela manutenção do regime escravista.

A edição lançada pela Boitempo do livro *A Guerra Civil dos Estados Unidos* disponibiliza, agora², em língua portuguesa 53 artigos, 4 documentos e 73 enxertos não só sobre a visão que Marx tinha do conflito armado estadunidense, mas sobre um claro posicionamento de comunistas e socialistas contra a exploração, contra a escravidão e pela emancipação da classe trabalhadora norte-americana. As primeiras publicações sobre o tema com o título *The Civil War in the United States* foram feitas em 1937 no original em inglês, cuja coleção de artigos foi editada por Richard Enmale. Em 2016, uma segunda edição feita por Andrew Zimmerman, foi publicada em Nova York pela International Publishers. Em seu conjunto, é possível encontrar nesses artigos jornalísticos de Karl Marx ao menos três blocos de análises: 1) a situação do Teatro de Operações da Guerra; 2) a guerra abolicionista propriamente dita em que o autor alemão traz o problema racial como mola propulsora da Guerra Civil; e 3) a presença da Inglaterra no conflito. Dessa forma, possibilitando aos leitores acesso aos temas não europeus do universo categorial marxiano, já que com o lançamento de *A Guerra Civil dos Estados Unidos Karl Marx* muda

1 Nas cartas trocadas entre os dois, nos informes políticos e nos comentários sobre o desenrolar dos conflitos, houve uma simbiose e uma coautoria que enriqueceu a visão de ambos sobre a guerra.

2 Em 2020, a Aetia Editorial já havia publicado uma versão em língua portuguesa sob o título de *Escritos sobre a Guerra Civil Americana*, que merecem também menção pelo ineditismo.

sua lente de análises e foca em países fora do circuito da Europa e muito deles situados à margem dos processos de revolucionamento da economia vividos nas Metrópoles, como foi o caso de nações periféricas da economia global do final do século XVIII, como Índia, China, Jamaica, Rússia, Estados Unidos e o próprio Brasil, que foi citado duas vezes nos Livros I e II d'*O Capital*³; e além disso, há a questão do tema da negritude, que o filósofo alemão elencou como elemento central da sociedade estadunidense. Antes de entrar na apreciação desses três blocos de análises é preciso deixar claro que Karl Marx abordou outros temas da agenda política interna e da geopolítica norte-americana no livro *A Guerra Civil dos Estados Unidos* e que nesta obra os conteúdos sobre a economia do algodão, a presença do personagem Abraham Lincoln e o nascimento da máquina de guerra estadunidense merecem toda consideração dos leitores e leitoras, pois são o exemplo evidente da lupa marxiana para os assim “chamados temas americanos”⁴.

I - A Situação do Teatro de Operações da Guerra

Com base nas correspondências trocadas pelos Círculos Germanistas dos Estados Unidos e com uma espécie de revisão técnica dos assuntos militares mais complexos feita por Engels, Karl Marx examina qual era o principal motivo que levou o país à guerra, sobretudo com a quebra do Pacto Federativo, no qual desencadeou um impasse de caráter jurídico-político, visto que as instituições já não conseguiam atender às demandas dos elementos em disputa. Por exemplo, com o acordo de Kansas-Nebraska, de 1854, eram liberadas para ocupação terras situadas na região Oeste, permitindo, assim, a expansão da escravatura somente nos novos territórios pelo Senado da República. Insatisfeitos com essas medidas, 15 estados de matriz latifundiária e que não congregavam os mesmos valores civilizatórios, romperam a unidade política com o Governo Federal, anunciando a fundação de uma nova Confederação em 4 de fevereiro de 1861 composta por Alabama, Carolina do Sul, Flórida, Geórgia, Louisiana e Mississípi, tendo à frente o autoproclamado presidente dos Estados Confederados da América⁵, (1845-1889), Jefferson Davis. Os Estados Confederados da América eram praticamente um novo país que visava manter a escravidão inalterada, ou melhor, expandir a prática

3 Essa discussão também é encontrada em Marx, Karl.2017.O Capital. Livro III.São Paulo:Boitempo.980 p.

4 De acordo com a própria denominação de Marx no nº 346 do *Die Presse*, de 17 de dezembro de 1861.Cf.: <https://www.marxists.org/portugues/marx/guerra/22.htm>.

5 Na sigla em inglês, CSA.

escravista para além dos limites geográficos impostos anteriormente. O ataque inicial para eclosão dos conflitos armados aconteceu no dia 12 de abril de 1861 num ataque ao Fort Sumter, na Carolina do Sul, pelas tropas confederadas logo após a posse do presidente Abraham Lincoln. O fato foi registrado por Marx no dia 11 de outubro de 1861 por meio do artigo “A questão americana na Inglaterra” em que comenta as repercussões no continente europeu do combate em solo norte-americano. De acordo com a interpretação de Marx, a imprensa londrina (*Economist*, *Saturday Review*, *Examiner*, *The London Times*, entre outros) era francamente antinortista, ou seja, mantinha opinião favorável ao Sul escravista, uma vez que para os editoriais londrinos aquela “não era uma guerra pela abolição da escravidão” o que impedia os britânicos de manter simpatias pelos seus pares do Norte (Marx 2022, 21).

Malgrado ambos os lados – federado e confederado – não terem tropas preparadas para o tipo de combate que cada vez mais se aproximava, que foi no entendimento de Marx um espetáculo sem paralelos na história das guerras, pela extensão territorial, pelas diversas linhas de operação, pela numerosa força dos exércitos inimigos e pela inovação dos princípios táticos e estratégicos militares, que deu ao Sul uma vantagem ilusória que poderia derrotar os nortistas. Porém, foi justamente no Sul que houve uma das surpresas mais interessantes do conflito; o apoio de dois terços da população branca alinhada com o Norte e o engajamento da massa escrava da região. Enquanto do lado nortista houve uma sonolência e uma relutância em entrar, de fato, no conflito. Isso demorou pelo menos três meses para recrutar voluntários e, mesmo assim, com uma orientação mais para a defensiva do que para ir ao ataque propriamente dito. De acordo com Marx, esses erros iniciais, eram, sem embargo, mais por causa falta de habilidade na condução política do que pela estratégia militar adotada. Com isso, talvez seja esse o episódio de grande divergência na interpretação entre Marx e Engels, já que aquele acreditava na vantagem numérica nortista e este “apostava” todas as fichas no poderio militar do Sul. Com o desenrolar das operações militares, ambos vão assentir no só com a possibilidade da vitória do Norte, mas na inauguração da fase revolucionária⁶ com a campanha pela redução da jornada de trabalho, associadamente à Guerra Civil (Marx e Engels 2022, 182-183)⁷.

6 Sobre a derrota sulista, Marx comentou, numa carta a Lion Philips, em novembro de 1864 (cf. Marx; Engels 2022, 320) e sobre essa visão revolucionária consultar a carta de Marx a Engels, de 23 de abril de 1866 (cf. Marx; Engels 2022, 339).

7 Marx, Karl e Friedrich Engels. 2022. *A Guerra Civil dos Estados Unidos*. Tradução: Luis Felipe Osório e Murillo van der Laan. São Paulo: Boitempo.

II - A Guerra Abolicionista

Contrariamente, ainda nesse artigo “A questão americana na Inglaterra”, Marx e Engels delimitam bem qual era, de acordo com suas visões, as intenções da guerra: “com efeito, só depois de longas hesitações e de manifestar uma paciência sem igual nos anais da história da Europa, o Norte desembainhou a espada, não para acabar com a escravidão, mas para preservar a União”, (Marx; Engels 2017, 126). Isso porque na fase inicial a guerra foi motivada a fim de manter a unidade administrativa da União contra o novo país declarado pelos sulistas escravistas. No dia 7 de novembro de 1861, Marx escreveu que a Guerra da Secessão era a “emancipação dos escravos”, portanto, uma Guerra da Abolição. Ademais, para Marx, era essencial e evidente que a própria emancipação da classe trabalhadora da América do Norte dependeria, preliminarmente, da destruição da escravidão negra. Nesse aspecto, a luta entre federados, do Sul e, confederados, do Norte, recebe categorizações como “Guerra Civil” por Vitor Izecksohn (2016)⁸, Herbert Aptheker⁹ (1983) e Milton George (1941)¹⁰. Ou como “Primeira Guerra Mundial”, como propuseram Charles Beard e Mary Beard (2018)¹¹. Esses autores destacam o papel central que a escravidão teve para fomentar a eclosão das batalhas nos territórios estadunidenses e a prevalência de uma historiografia que minimiza a importância da raiz escravocrata do conflito, enfocando as rivalidades regionais e diminuindo a composição negra dessas lutas. Outra possibilidade de interpretação é que aquela guerra foi uma “Revolta dos Escravos Negros Americanos”, de acordo com a classificação feita pela Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) em carta enviada ao presidente Lincoln em 1865, como a “Guerra Contra a Escravidão Negra”; e finalmente, como Marx registrou no *A Guerra Civil dos Estados Unidos* e para as redações dos jornais europeus, entre eles o *Die Presse*, como a “Guerra dos Escravos”. Conforme Marx (2022, 51), “[...] o cultivo escravagista dos artigos de exportação do Sul, como algodão, tabaco, açúcar etc., somente é rentável se for realizado por uma grande quantidade de escravos, em larga escala, e em amplas extensões de solo naturalmente fértil, que exija apenas trabalho manual [...]”.

8 Izecksohn, Vitor. 2016. Os Desafios da Segunda Escravidão. Escravidão e capitalismo histórico no século XIX: Cuba, Brasil, Estados Unidos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 320p. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/770/77052260009/movil/>. Acesso em: 20 set. 2023.

9 Aptheker, Herbert. 1983. *American Negro Slave Revolts*. New York: International Publishers Co.

10 Milton, George. Fort. 1941. *Conflict: The American Civil War*. Washington, DC: The Infantry Journal.

11 Beard, Charles e Mary Beard. 2018. *History of the United States (Vol. 1-7): From the Colonial Period to World War I*. Mosaic Books.

Isto é, a manutenção da escravidão estava no cerne da guerra entre as classes possuidoras, como os latifundiários, pecuaristas, parlamentares dos setores rurais e banqueiros sulistas, inconformados que o trabalho escravizado seria limitado a certas regiões e territórios. Daí um surto geral contra as políticas governamentais da União que confinavam a exploração escravista a determinadas localidades, contrariando a necessidade de expansão requerida pelos produtores rurais do Sul. Isso porque para os interesses da economia sulista, tanto o cultivo de algodão, tabaco, açúcar, etc., só seria rentável tanto pelo emprego de uma grande quantidade de escravizados, dessa forma, em larga escala, quanto pelo uso de grandes extensões de solo, que necessariamente precisariam ser férteis. E, sobretudo, com o cultivo feito por trabalho manual de mãos escravizadas (Marx e Engels 2022, 51). Essa era, de acordo com Marx, a lei econômica sulista: economia agrária escravista. Em sentido contrário, a unidade da classe trabalhadora poderia levar à abolição, por razões de consciência de classe e por motivos de que “[...] a escravidão, o grande obstáculo ao desenvolvimento político & social, seja quebrada nos Estados Unidos [...]”, conforme Marx expressou em carta enviada a Weydemeyer, em 24 de novembro de 1864 (Marx e Engels 2022, 318).

III - A Presença da Inglaterra no Conflito

No terceiro bloco de análises da guerra contra a escravidão negra, o autor ainda tece longas considerações sobre a presença inglesa no conflito, negando, primeiramente, uma neutralidade britânica no conflito doméstico e, posteriormente, destacando a figura do Primeiro-Ministro Lord Palmerston. O político inglês prontamente reconheceu os secessionistas como parte beligerante, despachando um contingente de 3 mil homens para o Canadá como forma de intimidar o governo federal de Washington e com suporte aos sulistas, caso precisassem. Além de tudo, autorizou que as navegações de guerra confederadas recebessem reformas e reparos nos portos ingleses. Em artigo publicado no *Die Presse* no dia 4 de dezembro de 1862, “A neutralidade inglesa: sobre a situação dos estados do Sul”, Karl Marx comenta no jornal de Viena sobre a situação do cruzador “Alabama” que foi construído na Inglaterra para ajudar as tropas sulistas e que destruiu aproximadamente 70 navios da frota unionista norte-americana, fora os prejuízos pelas embarcações piratas fabricadas nos estaleiros ingleses e que, conjuntamente, circularam impavidamente nos oceanos, sobretudo no Atlântico Norte, como arma de guerra em ataques aos navios de bandeira da União e favorecendo o lado sulista escravagista. De acordo com os relatos de Marx, a situação só foi debe-

lada em 1872, com o pagamento de uma indenização no valor de 15, 5 milhões de dólares pelo governo de Londres.

Através das “Notas de Economia Política”, publicadas no *Die Presse* em 9 novembro de 1861, Karl Marx escreveu que na Inglaterra não havia outro assunto, pois o interesse inteiro do país estava centrado na crise financeira, comercial e agrícola vivida pelos ingleses e pela questão americana, diga-se de passagem, pela possibilidade de escassez de algodão, além de redução do fluxo do ouro para a Inglaterra. Sem falar nas tabelas das exportações inglesas para os EUA, que caíram a taxas de 25% menos somente com o início dos confrontos bélicos, o que provocou uma queda na manufatura nas cidades inglesas. Isto é, a Inglaterra só pensava em dinheiro e em perdas e lucros que o conflito norte-americano poderia causar (Marx e Engels 2022, 73-74). Assim posto, a leitura de *A Guerra Civil dos Estados Unidos de Karl Marx e Friedrich Engels*, é uma oportunidade única de ter acesso a um outro lado dos autores, desconhecido do grande público e que só recentemente começa a dar os frutos na interpretação marxiana dos problemas do racismo, da escravidão e do colonialismo para a economia sob a égide burguesa. Tudo isso ligado à conformação do modo de produção capitalista no período analisado, lembrando que o algodão era o esteiro da grande indústria britânica e tinha origem na produção escravista, amalgamada no capitalismo, que trazia consigo o colonialismo, bem como as justificativas daquilo que Marx¹² abordou como “efeitos secundários provocados por circunstâncias alheias” ao capital, como o racismo, o poder patriarcal, etc (Marx 2017, 53).

Em que pese a importância da obra, faltou no livro uma nota explicativa sobre a rejeição do ministério do imperador Dom Pedro II da proposta feita pelo presidente Abraham Lincoln em repatriar os ex-escravizados e alforriados da guerra norte-americana para o Brasil. Em seu discurso no “*State of the Union*” feito no Parlamento em 1862, Lincoln pretendia usar 600 mil dólares para emigrar para o Brasil negros, alforriados, descendentes de africanos, afro-americanos e colonos pretos para morar na região do Amazonas e Pará, conforme o artigo “*The colonization of people of african descent*”, publicado no *NYDT* e registrado pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda¹³. Contudo, o lançamento do livro reflete, de certa medida, o atraso em que o país estava em relação à redescoberta das publicações originais e fundantes

12 Em tempos, a passagem citada do Capítulo I do Livro 3 d'O Capital não trata dessa guerra.

13 Para mais informações, consultar Haag, Carlos.2009.O dia em que o Brasil disse não aos Estados Unidos.Revista Pesquisa Fapesp.n.156.Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-dia-em-que-o-brasil-disse-nao-aos-estados-unidos/>. Acesso:28 jan.2024.

do pensamento de Karl Marx, bem como vai ajudar nos estudos sobre as principais conceituações usadas pelo filósofo alemão, e que foram desvirtuadas pela tradição do marxismo vulgar. Agora, teremos a possibilidade de corrigir eventuais lacunas e desvios na interpretação marxiana dos principais problemas humanos, principalmente porque os tradutores de *A Guerra Civil dos Estados Unidos*, Luis Felipe Osório (Doutor em economia política internacional pela UFRJ) e Murillo van der Laan (Pós-Doutor em Sociologia pela Unicamp), possuem uma vasta bagagem no tratamento dessas temáticas e buscaram manter a seriedade e a qualidade editorial das recentes publicações que marcam as publicações da Editora Boitempo. Teremos, dessa forma, uma contribuição à possibilidade de se redescobrir Karl Marx e como sua analítica é atual e visionária. Vale ressaltar a importância das notas de rodapé que perfazem uma riqueza de detalhes historiográficos presentes na edição brasileira da Boitempo que vai ajudar em muito nessa compreensão de um Karl Marx antenado na escravidão como elemento compatível com o sistema capitalista. À vista disso, mais uma ótima chance para os leitores e leitoras de *História, histórias*.

Recebido em 26 de janeiro de 2024
Aprovado em 06 de fevereiro de 2024

ALEXANDRE FRANCISCO BRAGA